

A EDUCAÇÃO ESPECIAL E OS PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO ENTRE JOVENS SURDOS

Maria José da Silva Bernardo ¹
Kiara de Sousa Batista de Queiroz ²
Irineusa Maria Ferreira ³

RESUMO

Este trabalho investiga a educação e o processo de socialização entre alunos surdos da Escola Bilíngue Nossa Senhora da Conceição, localizada na cidade de Sumé/PB. Ainda demonstra a importância da educação especializada na vida pessoal e profissional dos alunos, bem como se busca compreender significados e desafios da educação na vida dos alunos surdos. A pesquisa se realiza conforme a abordagem qualitativa, utilizando a observação de campo. A coleta de dados se deu com um questionário por questões abertas, aplicado aos sujeitos investigados. Tomou-se como ponto de discussão para a análise da formação educacional dos jovens surdos desta escola os seguintes temas: escola, futuro, trabalho, imagem pessoal entre outros. Nesse sentido, observou-se que a escola lhes dá certa visibilidade social, entretanto, ainda permanece a marca da discriminação e estigmatização dos alunos surdos. A escola é o primeiro passo para todos os alunos no desenvolvimento cognitivo a partir da aquisição da língua brasileira de sinais (LIBRAS). Portanto, apesar de toda precariedade na educação de alunos surdos o espaço educacional bilíngue resgatou e construiu nos surdos sumeenses a própria identidade, a própria cultura que eles nunca tiveram dentro da comunidade ouvinte, pois sabemos que um surdo dentro de uma sala de aula sem conseguir se comunicar com colegas e professores não faz parte dessa comunidade.

Palavras-chave: Escola Bilingue, Surdos, Desenvolvimento Social, Inclusão.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema surgiu através da observação de perceber que os surdos são tratados como incapazes de aprender, simplesmente, porque não ouvem. Por acreditar que será uma forma de compreender como se dá a inclusão da comunidade surda na sociedade, dispomo-nos a pesquisar sobre a comunidade de alunos surdos da Escola Bilíngue do Município de Sumé-PB. Na experiência de contato diário com um aluno surdo, durante as aulas em turma de 1º ano do Ensino Médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Isso nos levou a perceber o quanto são especiais na maneira de ser, agir, ver e ouvir o mundo. Como lembra Gesser (2009), o surdo pode e desenvolve suas habilidades cognitivas e

¹ Professora da Escola Estadual Prof. José Gonçalves de Queiroz/Sumé/PB lylybernardo@hotmail.com;

² Professora da Escola Estadual Prof. José Gonçalves de Queiroz/Sumé/PB, kiaradeamparo@hotmail.com;

³ Professora da Escola Prof. José Gonçalves de Queiroz/Sumé/PB, irineusamaria9@hotmail.com;

linguísticas (se não tiver outro impedimento) ao lhe ser assegurado o uso da língua de sinais em todos os âmbitos sociais em que transita. Não é a surdez que compromete o desenvolvimento do surdo, e sim a falta de acesso a uma língua. A ausência dela tem consequências gravíssimas: tornar o indivíduo solitário, além de comprometer o desenvolvimento de suas capacidades mentais.

Para tratar esse tema, tivemos como objetivo geral compreender a educação e o processo de socialização entre alunos surdos da Escola Bilíngue Nossa Senhora da Conceição, localizada na cidade de Sumé/PB, bem como demonstrar a importância da educação especializada na vida pessoal e profissional desses alunos, buscando compreender os significados e desafios da educação na vida dos mesmos. Logo após trataremos da análise dos dados.

Por fim, nas considerações finais trataremos da importância e da necessidade da educação para a vida dos surdos

METODOLOGIA

A escola na qual ocorreu a pesquisa pertence à rede municipal de ensino e foi fundada em 30 de março de 2012, de acordo com a Lei Municipal nº 1.052, de 30 de março de 2012, chama-se Unidade Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Nossa Senhora da Conceição “Escola Bilíngue”. Situada à Rua Fausto Mendonça, nº214. Bairro Mandacaru - Sumé/PB. A instituição está cadastrada no INEP⁴, com o número 25049976.

O público Alves foi formado por 12 estudantes de uma turma multisseriada, do turno da manhã. A escola dispõe de uma professora ouvinte, um instrutor de LIBRAS e uma merendeira que exerce também funções de auxiliar de serviços gerais.

DESENVOLVIMENTO

Atualmente é muito comum encontrar em nossas escolas “incluídos” no ensino regular alunos portadores de necessidades especiais, dentre eles o aluno surdo. Segundo a perspectiva de Gesser (2009), para se integrar na sociedade ouvinte não é necessário o surdo ser oralizado. Devido à crença de que era necessário a oralização dos surdos para inserção na sociedade, a oralização deixou marcas profundas na vida da maioria dos surdos, a busca desenfreada pela recuperação da audição e promoção do desenvolvimento da fala vocalizada pelos surdos são objetos que se traduzem em vários sentimentos: desejo, dor, privação, aprovação, opressão,

⁴ INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

discriminação e frustração. Isso aponta para mais um processo de diferenciação e exclusão dos sujeitos surdos.

No que se refere ao tratamento a pessoa surda a diferença de tratamento não acontece somente na escola ou fora dela, o isolamento do surdo pela falta de comunicação se inicia em casa no ambiente familiar. Pois como afirma Strobel (2008, p.49), o nascimento de uma criança surda é um acontecimento natural para a maioria das famílias surdas, porque o povo surdo não vê esta criança como um “problema social” como ocorre com a maioria das famílias ouvintes.

Segundo, Erving Goffman (2008) que traz o conceito de *estigma* como um termo criado pelos gregos para se referirem a sinais corporais ou físicos com os quais procuravam evidenciar alguma coisa, pejorativamente, reconhecida na sociedade. O estigmatizado é uma pessoa marcada, poluída que devia ser evitada, principalmente em lugares públicos. Segundo ele, se tratando de grupos minoritários a questão central referente a esses grupos é o seu lugar na estrutura social. Logo, diz o referido autor, um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo, embora eu proponha a modificação desse conceito, em parte porque há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito.

De acordo com a teoria do Goffman, o estigma assume duas perspectivas: aquela que o estigmatizado assume diretamente a característica distintiva, evidenciada pelas marcas corporais, psicológicas ou étnicas; e aquela que não é percebida pelos presentes, mas, igualmente á primeira, também põe o estigmatizado em descrédito, desacreditável para a si e para a sociedade.

No caso aqui estudado o estigma é gerado pela desinformação e pelo preconceito, os familiares dos surdos muitas vezes por falta de conhecimento privam o direito deles a língua de sinais, como descrito por Strobel (2008, p.51), com famílias ouvintes o problema encontrado para esses sujeitos surdos é a carência de diálogo, entendimento e da falta de noção do que é a cultura surda. De acordo com a autora, em famílias ouvintes as crianças surdas apenas observam as conversas e discussões que não são direcionadas a elas, neste caso conforme a autora ocorre o isolamento das crianças surdas dentro da própria casa devido às barreiras de comunicação.

Para as crianças que nasce em famílias surdas, segundo Strobel (2008, p.52) existe uma troca de saberes e da aceitação da identidade surda porque essas crianças passam pelo

processo natural de transmissão da cultura surda com comportamentos próprios deles. A autora alega que muitas vezes nestas famílias as crianças surdas não se acham diferentes do resto do mundo, pois elas creem que os sujeitos ouvintes é que são estranhos esquisitos ou diferentes. A maioria das crianças surdas de pais surdos, geralmente se desenvolve melhor do que as de pais ouvintes, pelo fato de terem a cultura respeitada no ambiente familiar.

Entre os desafios enfrentados pelos surdos, há um sentimento de mudança pairando no ar, além de afirmar que vivemos um momento profícuo e ímpar, já que muitas conquistas foram alcançadas, como: a oficialização da LIBRAS, o direito do surdo de ter um intérprete, a obrigatoriedade de formação nas áreas de licenciaturas, a inclusão de libras em alguns currículos. Sem dúvida o momento é do surdo e para o surdo.

Mas nas ondas das boas novas, segundo ela também se infiltram as velhas práticas e os velhos discursos. De acordo com Gesser (2009), estamos vivendo um processo de transições, adaptações e reformulações, só que muitos discursos podem ser encobertos e mascarados em prol de interesses individuais. A autora coloca-nos que há uma enorme distancia entre o dizer e o fazer, isso porque por tanto tempo se fala nas implicações positivas do uso da língua de sinais na escolarização do surdo e, ainda assim, há resistências quanto a essa questão seja por falta de espaços, oportunidades e apoio para os educadores ouvintes se aperfeiçoarem na sua proficiência linguística, ora por se perpetuarem visões preconceituosas sobre a língua e posturas na relação com os surdos.

A educação de surdos no Brasil segundo Quadros, (1997), ainda é constituída pelo oralismo por apresentar resquícios de sua ideologia até os dias de hoje. Segundo a autora, apesar de não haver um estudo sobre o desempenho escolar de pessoas surdas brasileiras, os profissionais e a sociedade reconhecem as defasagens escolares que impedem o adulto surdo de competir no mercado de trabalho. Por ser ainda muito precário o ensino para os surdos Quadros (idem) aponta que nas escolas brasileiras é comum terem surdos com muitos anos de vida escolar nas séries iniciais sem uma produção escrita compatível com a série. Apesar da Libras⁵ e o Português⁶ apresentarem parâmetros comuns, são línguas diferentes, por isso a educação de surdos no Brasil de acordo com Quadros está entrando numa outra fase que

⁵ Libras ou a Língua Brasileira de Sinais é a língua materna dos surdos brasileiros.

³ Língua Portuguesa segunda língua na modalidade escrita para os surdos.

caracteriza um período de transição. Ou seja, os estudos estão apontando na direção de uma proposta educacional bilíngue.

O bilingüismo como descrito por Quadros (1997) é um proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. E os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considere a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita. A preocupação atual conforme defende a autora, é respeitar a autonomia das línguas de sinais e estruturar um plano educacional que não afete a experiência psicossocial e linguística da criança surda. Pois se a língua de sinais é uma língua adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de serem ensinadas na língua de sinais. A proposta bilíngue busca captar esse direito tendo a criança surda brasileira o direito de ter acesso a Libras o quanto antes para acionar de forma natural a aquisição da linguagem. A criança surda até poderá vir adquirir a língua portuguesa, mas nunca de forma natural e espontânea como ocorre com a libras.

A família deve conhecer detalhadamente a proposta para engajar-se adequadamente. Quanto aos profissionais que assumem a função de passarem as informações necessárias aos pais devem estar preparados para explicar que existe uma comunicação visual (língua de sinais) que é adequada à criança surda, e que essa língua permite a criança ter um desenvolvimento da linguagem análogo ao de criança que ouvem que essa criança surda pode ver, sentir, tocar e descobrir o mundo a sua volta sem problemas.

Enfim, esses profissionais devem estar preparados para explicar aos pais que eles não estão diante de uma tragédia, mas diante de outra forma de comunicar que envolve uma cultura e uma língua visual-espacial, por isso deve-se garantir a família a oportunidade de apreender sobre a comunidade surda e a língua de sinais.

Segundo a autora acima referida, o objetivo maior do ensino especial sempre foi à integração dos ditos deficientes na sociedade, tendo como primeiro passo a sua entrada na escola regular. Porém nota-se que nada ou quase nada tem sido feito para melhoria das escolas, as condições que a escola oferece aos que já estavam supostamente incluídos são precárias, assim se os já incluídos não veem atendidas suas necessidades educativas como esperar que haja disponibilidade dessa mesma escola em se preparar para receber os excluídos.

Os surdos sofreram as consequências de uma educação que historicamente, não se caracterizou pelo foco de ensino, mas na preocupação excessiva com o fator biológico, clínico, com foco em treinos sistemáticos de linguagem oral. Foram tomados como deficientes, cometidos equívocos gravíssimos, uma vez que esse procedimento lhes negou um dos direitos básicos da humanidade: o direito de uso de sua língua natural, a língua de sinais.

Dessa forma Dorziat (idem) certifica que é impensável a inclusão escolar de surdos que não considere a língua de sinais. Sendo assim, a autora diz que se tratando de inclusão a valorização da língua de sinais para os surdos é uma questão essencial, como possibilidade de igualdade de condições de desenvolvimento entre as pessoas. Contudo para que essa prática pedagógica se dê visando a viabilizar a formação na sua globalidade, a abordagem da língua deve ser relacional, contextual e não apenas a informacional, restrita a códigos e padrões predeterminados.

A iniciativa de garantia de entrada de todas as crianças na escola é, sem dúvida, importante, porque atende ao princípio fundamental de direito de todos a educação. Entretanto, isso não basta se não houver movimentos pedagógicos que se debruçam sobre o aluno real, sobre suas formas de representação, criando espaços de diálogo entre eles.

Por fim, considerar as diferenças no âmbito escolar vai além de, simplesmente, utilizar procedimentos que visam a reduzir preconceitos sociais frente às minorias, pois agir dessa forma significa continuar a centrar os questionamentos em visões relativistas do conhecimento.

Para Kelman (2012), a educação inclusiva, é a educação de alunos que não pertencem à cultura dominante, que só pode ser bem sucedida se for impregnada de respeito às culturas minoritárias. Segundo a autora, a educação inclusiva se refere ao atendimento educacional de todas as crianças e jovens, independente de sua diferença, seja ela linguística, como é o caso dos surdos e índios ou religiosa, cultural, sexual, étnica ou simplesmente tenha uma cultura diferente, como menores trabalhadores ou que vivem nas ruas.

De acordo com a autora, para se lidar com alunos que apresentam processos de desenvolvimento e socialização distintos do padrão tradicional, devemos buscar a análise e a compreensão dos fenômenos de comportamento individual e coletivo, nos mais diversos contextos em que as interações sociais e culturais ocorrem. A inclusão da criança surda na sala de aula regular na visão de Kelman (idem) é um desafio particularmente difícil, porque

devido à perda auditiva, ela não tem como adquirir a língua oral, o que pode ser interpretado como uma diferença linguística em relação aos demais alunos.

Segundo ela apesar dos esforços empreendidos pelos sistemas de ensino público, tais como os programas de capacitação de professores para lidar com o aluno surdo na classe regular tem se revelado com frequência, insuficientes, pois, no ensino fundamental, em sala de aula inclusiva onde haja aluno surdo o professor espera que a criança faça a leitura labial.

De modo geral o professor não domina os conhecimentos necessários para a compreensão de processos de aprendizado de uma língua quando a audição está ausente, por isso espera que a criança surda seja capaz de dominar a língua portuguesa em sua expressão oral apenas por reconhecimento dos movimentos produzidos pela articulação labial, isso porque o professor supõe que a articulação lenta de cada palavra é condição necessária e suficiente para a compreensão dos aspectos do léxico e do semântico pelo aluno surdo em classe regular. Então, se esse aluno não domina o léxico, nem a estrutura da língua não terá condições para obter um desenvolvimento acadêmico em nível satisfatório.

De acordo com Kelman, um primeiro passo, já está sendo dado em alguns sistemas educacionais, seria garantir a aquisição da língua de sinais, bem como a língua portuguesa, só que em contextos educacionais diferentes. E ao ensinar a língua de sinais, deve-se levar em consideração que uma língua não se constrói a partir de um somatório de palavras isoladamente aprendidas. Assim, a educação deve ser pensada, buscando a análise do contexto e do tempo em que ela ocorre, inserindo-a como processo relacionado aos movimentos sociais emergentes naquele determinado corte no tempo e no espaço.

Conforme a autora acima referida o conceito “necessidades educativas especiais” traz em sua essência o não reconhecimento de que cada grupo tem particularidades próprias e necessidades específicas, com reivindicações em nível cultural e educacional muito distintas uns dos outros. Dessa maneira Kelman afirma que a educação de menores de rua, índios, imigrantes, surdos, cegos, etc., nada tem em comum entre si, embora todos tenham direito à educação com qualidade. No entanto, são todos chamados de pessoas com necessidades educativas especiais.

A escola é uma instituição aberta à diversidade, o multiculturalismo dentro da educação vem como decorrência de se ter alunos pertencentes a diferentes universos nas salas de aula, do ponto de vista cultural, social, linguístico e religioso e de se ter o desafio de transformar o espaço escolar em um espaço democrático, que possa oferecer igualdade de

oportunidades, dando por isso mesmo condições de atendimento educacional diferentes a alunos diversos.

Aprender a ler e a escrever está além de conhecer um sistema linguístico, é perceber que esta aprendizagem se transforma em instrumento de construção de novos conhecimentos e pode ser mais um instrumento de reconhecimento, de interferência e de participação no mundo. A oferta educativa precisa ser analisada a partir destes elementos, pois alunos surdos e não surdos tem direito a uma escola preocupada e comprometida com estes princípios. Essa é a tônica que acompanha a oferta de escolas para os alunos surdos.

Para ela, o sucesso escolar do aluno não é definido a partir do tipo de oferta educativa, a escola especial para surdo não se sustenta a partir dos argumentos de que a escola regular fracassou diante do aluno surdo e a escola regular não garante seu espaço diante do discurso de inclusão. Assim, para a autora, ambas se afastam da discussão do processo educativo dos seus alunos, do currículo, do trabalho coletivo da escola e dos objetivos educacionais.

O aluno com necessidades especiais precisa de uma atenção especial independente de qual necessidade ele tenha. Se referindo ao aluno portador da surdez não significa que o aluno é incapaz de aprender, mas que ele necessita de uma educação voltada as suas condições especiais.

A interação entre professor e aluno contribui para o processo ensino-aprendizagem, só que no caso de professor ouvinte e aluno surdo na escola regular a relação de comunicação se torna muito difícil ou não existe por motivos básicos: o professor não sabe libras, além disso, não sabe como ensinar língua portuguesa e os demais conteúdos para os alunos surdos; e na sala de aula não tem a presença de um intérprete. Então, mesmo diante de muitas mudanças, em meio a tanta tecnologia, tantos avanços na área da educação o aluno surdo está vivendo dentro de um novo modelo de exclusão por está inserido numa sala de aula do ensino regular com ouvintes e um professor que não consegue se comunicar com ele.

O aluno surdo numa sala de aula do ensino regular com os demais alunos ouvintes e o professor sem preparação nenhuma para se comunicar com o aluno surdo, sem dúvida não há possibilidade de esse aluno ter um bom desenvolvimento seja linguístico, bem como social, cultural e psicossocial. Conforme explica Rangel e Stumpf (2012, p.115), quando o professor e o aluno utilizam a mesma língua, no caso da língua de sinais, a comunicação deixa de ser

um problema. Quando ambos são surdos, os interesses e a visão de mundo passam a ser os mesmos. A fluidez de comunicação possibilita as mais variadas trocas.

Nesse sentido, os professores surdos e ouvintes usuários de Libras que atuam em escolas bilíngues são, além de interlocutores que compreendem a língua dos surdos, também são considerados agentes de mudanças para seus alunos surdos, uma inspiração para realização de um futuro pleno de escolhas e promessas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os surdos são sujeitos diferentes dos ouvintes, mas que essa diferença não os impede de lutar e conquistar os seus objetivos. As dificuldades que eles enfrentam para se integrar na sociedade são por causa da maneira que a sociedade ver os surdos, por isso surge preconceitos por parte dos ouvintes criando estereótipos considerando esses sujeitos incapacitados para as funções sociais pelo fato de não ouvir.

A implantação da Escola Bilíngue no município de Sumé/PB trouxe a esses surdos a visibilidade da identidade própria, com isso tanto os seus familiares quanto a sociedade reconheceram as características da comunidade surda, reconhecendo a capacidade desses sujeitos que não se diferenciam dos ouvintes, só que a capacidade desses sujeitos não é revelada porque a sociedade impede achando que eles são incapazes, por isso esses sujeitos são marginalizados ou estigmatizados.

Pode-se observar que foi dado o primeiro passo no que se refere à educação de alunos surdos, mesmo sabendo que esse passo não é suficiente para se dizer que temos uma educação de qualidade para nossos alunos surdos, mas representa uma afirmação dos direitos desses sujeitos a uma língua. Por meio da Libras o surdo tem acesso à cultura, ao conhecimento, à integração social e evolui a linguagem e as possibilidades cognitivas.

Os estudantes participantes da pesquisa são atendidos pela Escola Bilíngue e também são alunos da rede regular de ensino. Para melhor compreender esses alunos, apresenta-se o quadro um com um breve perfil desses estudantes.

Quadro 1. Estudantes surdos quanto o sexo, idade, escolaridade e vida profissional.

SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	SITUAÇÃO PROFISSIONAL

F	15	Ensino Fundamental – 5º ano	Não trabalha
M	36	Ensino Médio Completo- Cursando Técnico em Informática	Trabalha
M	28	Ensino Médio	Não trabalha
M	12	Ensino Fundamental – 5º ano	Não trabalha
F	30	Ensino Fundamental – 6º ano	Não trabalha
M	42	Ensino Fundamental	Não trabalha
F	16	Ensino Fundamental	Não trabalha
M	36	Ensino Médio – incompleto	Não trabalha
F	19	Ensino Médio Incompleto	Não trabalha

Fonte. Próprio autor da pesquisa.

Dos participantes da pesquisa cinco são do sexo masculino e quatro do sexo feminino, totalizando nove participantes. A maioria deles, ou seja, cinco estudantes cursavam o ensino fundamental e apenas um dos participantes chamou a atenção, pelo fato de ter dado continuidade aos estudos após concluir o ensino médio e estava cursando o Técnico em Informática, outro aspecto relevante sobre esse sujeito é o motivo de ele trabalhar isso mostra que a educação é fundamental para o desenvolvimento humano, apesar de ter apenas uma perda parcial da audição e ser considerado “deficiente”, mesmo sofrendo preconceito, sendo marginalizado pela comunidade majoritária da mesma maneira que os sujeitos com perda total da audição o conhecimento foi fundamental para despertar o desejo de se mostrar eficiente, capaz de atuar na sociedade como qualquer outro cidadão.

Os surdos ainda são visto pela sociedade como um ser anormal, incapaz que necessita de tratamento para poder se integrar socialmente. Mas, estamos nos referindo ao surdo como um ser social, que apesar de suas limitações faz parte da mesma sociedade que os ouvintes, pois mesmo fazendo parte da comunidade minoritária, possuem identidade própria, uma

cultura, uma língua diferente dos demais – ouvinte – que também tem outra identidade, outra língua ou outra cultura.

O quadro acima mostra que a maioria não trabalha e apenas um dos sujeitos que participou da pesquisa atua no mercado de trabalho informal e tem apenas uma perda parcial da audição. Ao observar as respostas dadas pelos surdos ao questionário, notamos que eles são duplamente excluídos, como por exemplo, podemos citar a ocupação profissional que esses sujeitos ainda não alcançaram. Na sua maioria, esses alunos não trabalham, com exceção de um aluno, e apontam a atividade profissional como muitíssima valiosa para o futuro deles. Como afirma um deles, os estudos servem para **“desenvolver, aprender, viver melhor futuro” (Aluno Surdo. 1º Ano Fundamental/42 anos de idade)**. Cabe ressaltar que as palavras *“viver melhor”* significa a garantia de trabalho para sustento da vida pessoal e familiar desses futuros adultos na sociedade capitalista.

Nesse sentido, inserir o aluno portador de uma necessidade dentro de uma sala de aula com alunos ouvintes e tratar esse processo como inclusão seria simplesmente excluí-lo do direito de ser tratado conforme as suas necessidades. Inserir alunos surdos em sala de aula com ouvintes sem oferecer a esses alunos um aprendizado que seja suficiente para que eles possam participar ativamente da sociedade faz a educação deixar de ser um direito de todos e passa a ser direito apenas de alguns, assim, por vezes, essas condições que garantam a participação desses sujeitos no espaço escolar passa pelas condições econômicas por que passa esses alunos.

Por não terem uma formação escolar que atendam as suas necessidades linguísticas, muitos ainda estão cursando uma série/ano incompatível com a idade. Quanto ao sentido da educação, no qual afirma um deles sobre as vantagens de estudar **“participar da vida social, interagir com os outros” (Aluno surdo. 7º ano/Ensino Fundamental/16 anos de idade)**. Além de trazer desenvolvimento, aprendizado, garantia de um futuro melhor através da educação conseguem ter uma vida social e interação com outras pessoas. Em relação às desvantagens de estudar afirma um deles **“a falta de material adequado para os surdos” (Aluno Surdo. (Ensino Médio incompleto/19 anos)**, assim podemos observar que a falta de uma educação adequada as necessidades dos alunos surdos traz consequências gravíssimas em seu desenvolvimento pessoal e profissional. Portanto, experiência de ter contato com um espaço educacional bilíngue nos mostra que a libras é fundamental para o desenvolvimento linguístico e a socialização dos surdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da pesquisa é possível perceber o direito dos surdos a educação se tornou visível com o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais em 24/04/2002 de acordo com a Lei nº10.436, a partir desse reconhecimento o respeito a língua de sinais vem se intensificando e atualmente os surdos usufrui de direitos que antes lhe era negado. Apesar dos avanços ocorridos em favor da comunidade surda a luta continua porque a libras continua sendo desvalorizada pelo fato de não ser conhecida nem utilizada pelos ouvintes e por não ter um registro escrito.

A pesquisa a cerca da educação e socialização dos alunos, nos possibilitou perceber o quanto é importante a educação especial na vida desses sujeitos, a escola lhes dar certa visibilidade social, mas é lamentável perceber que a marca da estigmatização permanece, porque a forma que esses sujeitos são visualizados pela escola e sociedade como um problema, um sujeito incapaz.

Por fim, podemos afirmar que a educação bilíngue para alunos surdos seria a educação ideal, para o seu desenvolvimento linguístico já que os surdos estão dentro de duas comunidades, assim necessitam da língua de sinais para seu desenvolvimento humano e da língua portuguesa por está inserido num contexto que predomina a língua da comunidade majoritária. A criação da escola no município representa um cenário de desenvolvimento na educação, porém trouxe desafio enfrentado não somente pela comunidade surda, mas por todos que trabalham com educação.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DOZIART, Ana. **Estudos Surdos: diferentes olhares.** Porto Alegre, Mediação, 2011.
- GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.
- RANGEL, Gisele Maciel Monteiro; STUMPF, Marianne Rossi. **A pedagogia da diferença para o surdo.** IN: LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulália. (org.). Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.
- KELMA, Celeste Azulay. **Multiculturalismo e Surdez: respeito às culturas minoritárias.** IN: LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulália. (org.). Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos. Porto Alegre: Mediação, 2012.

